

Entre a invisibilidade diagnóstica e as vulnerabilidades digitais: narrativas desinformativas sobre o autismo feminino no *Youtube*

Entre la invisibilidad diagnóstica y las vulnerabilidades digitales: narrativas de desinformación sobre el autismo femenino en *Youtube*

Between diagnostic invisibility and digital vulnerabilities: misinformation narratives about female autism on *Youtube*

KRYSTAL URBANO¹, ALINE GONELI DE LACERDA²,
CAMILA GONELI³

Resumo: Este artigo analisa narrativas desinformativas sobre TEA em mulheres adultas no *Youtube* e sua relação com a vulnerabilização digital. A pesquisa adota abordagem quanti-qualitativa, com análise de conteúdo de 38 vídeos extraídos pelo *Youtube* Data Tools, a partir da busca “autismo + mulher”. Os resultados apontam simplificação

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF). Pesquisadora de pós-doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF), com pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Email: krystalcortez@id.uff.br.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF). Ocupa cargo de Técnico em Assuntos Educacionais na Universidade Federal Fluminense UFF desde 2015. É membro do Laboratório de Investigação em Ciência, Inovação, Tecnologia e Educação (Cite-Lab) e do Centro de Referência para o Ensino do Combate à Desinformação (CODES) da Universidade Federal Fluminense. Email: alinegoneli@id.uff.br.

³ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF) e doutoranda em Comunicação pela mesma instituição. É membro do Laboratório de Investigação em Ciência, Inovação, Tecnologia e Educação (Cite-Lab) da Universidade Federal Fluminense. E-mail: camilagoneli@id.uff.br.

diagnóstica, generalização de experiências e autoridade baseada em relatos pessoais. Conclui-se que o enfrentamento dessas dinâmicas exige estratégias sensíveis ao autismo feminino e à vulnerabilização digital.

Palavras-chave: autismo; desinformação; gênero; vulnerabilidade digital; *Youtube*.

Resumen: Este artículo analiza narrativas desinformativas sobre el TEA en mujeres adultas en *Youtube* y su relación con la vulnerabilización digital. La investigación adopta un enfoque cuantitativo, con análisis de contenido de 38 videos extraídos mediante *Youtube Data Tools*, a partir de la búsqueda “autismo + mujer”. Los resultados señalan simplificación diagnóstica, generalización de experiencias y autoridad basada en relatos personales. Se concluye que enfrentar estas dinámicas exige estrategias sensibles al autismo femenino y a la vulnerabilización digital.

Palabras clave: autismo; desinformación; género; vulnerabilidad digital; *Youtube*.

Abstract: This article analyzes misleading narratives about ASD in adult women on *Youtube* and their relationship with digital vulnerability. The study adopts a quantitative-qualitative approach, using content analysis of 38 videos extracted through *Youtube Data Tools*, based on the search “autism + women”. The results indicate diagnostic simplification, generalization of experiences, and authority based on personal accounts. It concludes that addressing these dynamics requires strategies sensitive to female autism and digital vulnerability.

Keywords: autism; misinformation; gender; digital vulnerability; *Youtube*.

Introdução

Nas últimas décadas, observa-se uma ampliação da visibilidade social do autismo em adultos, impulsionada tanto por avanços no campo clínico quanto pela crescente circulação pública de discursos sobre neurodivergência nos ambientes midiáticos e digitais. No entanto, mais do que um reconhecimento institucional plenamente consolidado, esse cenário parece evidenciar uma demanda historicamente represada por nomeação, inteligibilidade e validação social de sujeitos que permaneceram, durante décadas, à margem dos modelos diagnósticos tradicionais. No caso das mulheres, o diagnóstico de autismo permanece frequentemente tardio ou ausente, em razão de critérios historicamente orientados por perfis masculinos e da presença de estratégias

de camuflagem que dificultam a identificação clínica (APA, 2013; Volkmar *et al.*, 2014). Nesse sentido, o autismo feminino desafia parâmetros diagnósticos estruturados a partir de experiências predominantemente masculinas, produzindo trajetórias marcadas por lacunas de reconhecimento, nas quais muitas mulheres atravessam grande parte da vida sem acesso a nomeações institucionais de suas experiências.

Nesse contexto de invisibilidade diagnóstica, as plataformas digitais desempenham um papel central. Para muitas mulheres adultas, ambientes como *Instagram* e *Youtube* tornam-se espaços importantes de busca por explicações, identificação e pertencimento, nos quais circulam intensamente relatos pessoais, conteúdos informais e narrativas de autodiagnóstico. Como indicam Milton e Ryan (2023), o autismo deve ser compreendido como um campo de disputas epistemológicas, no qual diferentes formas de conhecimento — biomédicas, experienciais e midiáticas — competem pela legitimidade de definir a condição e seus contornos sociais. Ao mesmo tempo, essas plataformas não operam apenas como espaços de circulação de informação, mas também como ambientes de produção de subjetividade e reconhecimento, nos quais sujeitos negociam publicamente sentidos sobre si, suas experiências e pertencimentos. Assim, as narrativas de autodiagnóstico presentes nesses espaços também expressam tentativas legítimas de inteligibilidade e reconhecimento diante de históricos processos de invisibilização.

No entanto, essa ampliação dos espaços de fala e de visibilidade da condição autista ocorre em ecossistemas comunicacionais profundamente atravessados por dinâmicas de desinformação⁴. Recuero (2024) compreende a desinformação como um sistema estruturado por dinâmicas de circulação, reforço e visibilidade, que organiza a forma como determinados conteúdos — inclusive os relacionados à saúde — ganham alcance e autoridade. Oliveira (2020) demonstra que, em contextos de crise epistêmica, as plataformas

⁴ Wardle e Derakhshan (2017) distinguem *misinformation*, entendida como a circulação de informações falsas ou imprecisas sem intenção deliberada de causar dano, e *disinformation*, relacionada à disseminação intencional de conteúdos enganosos. Neste estudo, adota-se a perspectiva de Recuero (2024), que compreende a desinformação como um fenômeno sistêmico associado às dinâmicas de circulação, reforço e visibilidade nas plataformas digitais. Assim, opta-se pelo uso mais amplo da noção de desinformação para analisar conteúdos simplificados, interpretações equivocadas e narrativas potencialmente enganosas sobre o autismo feminino, independentemente da possibilidade de comprovação da intencionalidade dos emissores.

digitais favorecem a circulação de teorias da conspiração e a desestabilização da autoridade científica. Em diálogo com essa perspectiva, Andrade (2020) mostra que narrativas médicas conspiratórias encontram ressonância em contextos de incerteza, oferecendo explicações simplificadoras que atendem a demandas cognitivas e emocionais por sentido. No campo específico do autismo, Keenan e Dillenburger (2018) evidenciam que a circulação de desinformação e *fake news* afeta diretamente percepções públicas e decisões políticas, interferindo na compreensão e no tratamento do transtorno.

Essas dinâmicas tornam-se particularmente sensíveis quando articuladas às experiências de mulheres autistas adultas. Ao buscarem explicações para trajetórias marcadas por não reconhecimento, essas mulheres encontram, nas plataformas, tanto possibilidades de identificação quanto conteúdos que simplificam critérios diagnósticos, generalizam vivências e reforçam estereótipos. Como demonstram Silva *et al.* (2025), a desinformação sobre autismo se organiza em ecossistemas discursivos que combinam pseudociência, experiências pessoais e teorias conspiratórias, produzindo formas alternativas de verdade. Em consonância com essa leitura, Recuero (2024) aponta que a desinformação constitui uma propriedade estrutural das plataformas digitais, sustentada por dinâmicas de visibilidade, engajamento e validação social. Assim, mulheres adultas que procuram no *Youtube* explicações para suas vivências entram em contato com um ecossistema informacional marcado simultaneamente por possibilidades de reconhecimento e por conteúdos simplificados, emocionalmente carregados ou potencialmente enganosos.

É nesse contexto que se insere o presente estudo, que investiga como narrativas desinformativas sobre o autismo em mulheres adultas circulam no *Youtube* e de que modo se articulam com processos de vulnerabilização digital marcados pelo gênero. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem quanti-qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, orientada pela análise de conteúdo categorial (Sampaio; Lycarião, 2021; Goneli de Lacerda, 2025). O corpus é composto por 38 vídeos do *Youtube*, selecionados a partir da busca “autismo + mulher”, considerando critérios de relevância temática, engajamento e potencial desinformativo. A escolha desse descritor decorre do objetivo de mapear conteúdos que emergem diretamente de buscas amplamente utilizadas por usuárias em processos iniciais de investigação diagnóstica, priorizando termos mais recorrentes e acessíveis no ambiente da plataforma.

A análise foi conduzida com base em um protocolo estruturado que articula diferentes dimensões de codificação. Inicialmente, os vídeos foram classificados quanto ao seu potencial de desinformação, considerando o grau de alinhamento com o conhecimento científico e a presença de conteúdos enganosos ou potencialmente prejudiciais. Em seguida, a análise abordou a situação de comunicação, incluindo o perfil do emissor, os enquadramentos de autoridade mobilizados e o público-alvo dos conteúdos. Também foram mapeados os eixos temáticos predominantes, bem como a tipologia das representações, com foco em estratégias como generalizações, estereótipos e simplificações diagnósticas. Por fim, foram examinadas as estratégias discursivas e comunicativas empregadas, incluindo o uso de relatos pessoais, apelos emocionais e recursos de legitimação.

Autismo feminino, vulnerabilidades digitais e desinformação

As narrativas desinformativas sobre o autismo feminino encontram, nas plataformas digitais — especialmente no *Youtube* —, um espaço privilegiado de ancoragem, o que exige considerar as condições de vulnerabilidade digital que estruturam a inserção de mulheres autistas adultas nesses ambientes. Em Botelho-Francisco (2025), o conceito de vulnerabilidade digital é formulado como uma lente multidimensional que permite analisar os riscos, danos e incertezas associados à inserção dos sujeitos em ambientes digitais. Mais do que uma condição individual, a vulnerabilidade é entendida como resultado de articulações entre dimensões socioculturais, econômicas, técnicas e políticas, que configuram diferentes graus de exposição ao risco (Cutter, 2003; Botelho-Francisco, 2025). Nesse cenário, mulheres autistas adultas tornam-se particularmente sensíveis à circulação de informações imprecisas ou distorcidas, não apenas em razão de sua histórica invisibilização nos modelos diagnósticos (APA, 2013; Volkmar *et al.*, 2014), mas também pela necessidade de construir reconhecimento em ecossistemas informacionais marcados por assimetrias e disputas de legitimidade (Recuero, 2024; Silva; Maia, 2025).

Essa formulação ganha concretude ao observarmos como tais vulnerabilidades se manifestam nas plataformas digitais. A partir de um estudo empírico sobre vulnerabilidades digitais e consciência corporal no *Instagram*, Grieger, Oliveira e Botelho-Francisco (2024) demonstram que esses ambientes operam como espaços de risco produzidos pela interseção entre arquiteturas técnicas e práticas sociais, nos quais se intensificam processos de exposição,

comparação e busca por pertencimento. Tais dinâmicas não se manifestam de forma homogênea, sendo atravessadas por marcadores sociais — gênero, raça, classe e sexualidade — que condicionam diferentes regimes de visibilidade e reconhecimento. No caso das mulheres autistas adultas, essas condições tornam-se ainda mais complexas, uma vez que as plataformas não apenas mediam sua inserção, mas também modulam as formas pelas quais suas experiências se tornam visíveis, reconhecidas e legitimadas. Nesse contexto, a desinformação sobre o autismo feminino não se limita a um erro informacional, mas insere-se como prática discursiva situada (Milton; Ryan, 2023), na qual a busca por sentido e validação é mediada por conteúdos simplificados, estigmatizantes e, frequentemente, distorcidos.

Essa perspectiva se complexifica ao reconhecer a dimensão de gênero como elemento estruturante das vulnerabilidades digitais, uma vez que a experiência das mulheres nas plataformas é atravessada por regimes de visibilidade e formas de validação que operam de maneira diferenciada, produzindo condições específicas de vulnerabilização (Grieger; Oliveira; Botelho-Francisco, 2024). Nesse quadro, gênero opera como princípio organizador das assimetrias que estruturam a experiência digital, definindo tanto a exposição ao risco quanto a capacidade de resposta dos sujeitos (Cutter, 2003). No caso das mulheres autistas adultas, essa condição se intensifica ao ser atravessada por modelos diagnósticos historicamente masculinizados (Volkmar *et al.*, 2014), de modo que sua inserção nas plataformas ocorre sob tensão: ao mesmo tempo em que esses ambientes oferecem possibilidades de reconhecimento, também ampliam a dependência de contextos de instabilidade epistêmica (Oliveira, 2020), nos quais a validação de suas experiências é frequentemente mediada por narrativas desinformativas e teorias da conspiração (Silva *et al.*, 2025).

No caso do autismo feminino, as condições de vulnerabilidade digital se intensificam ao serem atravessadas por disputas de reconhecimento que se reconfiguram nas plataformas digitais. Para mulheres autistas adultas, a busca por diagnóstico e validação não depende apenas de legitimação institucional, mas também da negociação de reconhecimento em ambientes sociotécnicos, nos quais visibilidade e legitimidade são continuamente mediadas pelas dinâmicas das plataformas (Honneth, 2003; Recuero, 2024). Essas plataformas estruturam interações de forma a favorecer a visibilidade seletiva e a distribuição desigual de informações (Grieger; Oliveira; Botelho-Francisco,

2024), criando um campo em que identidades autistas são constantemente mediadas, contestadas e reinterpretadas.

Nesse cenário, como aponta Honneth (2003), a possibilidade de afirmação identitária e reconhecimento depende de processos de validação social que, quando mediados digitalmente, tornam-se mais instáveis e suscetíveis a distorções. Como argumentam Silva e Maia (2025), o campo do autismo é atravessado por disputas simbólicas e políticas sobre a legitimidade de nomear e representar a condição, o que coloca mulheres autistas em uma posição particularmente sensível, dada sua histórica sub-representação nos modelos diagnósticos e nos discursos públicos. Assim, a dinâmica das plataformas não apenas reproduz, mas também intensifica essas disputas, criando um ambiente em que experiências de mulheres autistas são frequentemente enquadradas por narrativas simplificadas, estereotipadas ou potencialmente enganosas.

Dessa forma, a presença e a circulação de narrativas desinformativas sobre o autismo feminino nas plataformas digitais não podem ser compreendidas apenas como desvios informacionais pontuais, mas como práticas discursivas que operam diretamente na produção e na estabilização de sentidos sobre o que conta como autismo e quem pode ser reconhecido como sujeito legítimo dessa experiência (Recuero, 2024; Milton; Ryan, 2023). Trata-se de um fenômeno situado na interseção entre desinformação, crise epistêmica, regimes de visibilidade das plataformas, disputas de reconhecimento e vulnerabilidades digitais marcadas pelo gênero. Quando mulheres adultas recorrem ao *Youtube* em busca de explicações para experiências pautadas por não reconhecimento, encontram simultaneamente possibilidades de nomeação e pertencimento, bem como conteúdos que simplificam critérios clínicos, generalizam vivências e produzem interpretações equivocadas. A força dessas narrativas reside precisamente na capacidade de responder a demandas legítimas por sentido e reconhecimento, ainda que o façam por meio de conteúdos frágeis ou distorcidos.

Metodologia

A metodologia deste estudo fundamenta-se na Análise de Conteúdo, que conforme descrita por Sampaio e Lycarião (2021), é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para a criação de inferências válidas sobre conteúdos verbais, visuais ou escritos. A abordagem categorial quantitativa proposta

pelos autores consiste em uma forma sistemática de análise fundamentada em critérios de replicabilidade, confiabilidade e validade, permitindo descrever, quantificar ou interpretar fenômenos em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos. A escolha por essa abordagem justifica-se por sua capacidade de oferecer um procedimento sistemático, replicável e confiável para a análise de diferentes tipos de materiais, incluindo conteúdos audiovisuais (Sampaio; Lycarião, 2021), bem como por sua ampla utilização na pesquisa científica e sua flexibilidade metodológica, que possibilita sua aplicação de acordo com as necessidades investigativas do estudo.

A definição do *Youtube* como espaço privilegiado da coleta e análise justifica-se por sua centralidade no consumo de informação no Brasil (Newman *et al.*, 2022) e por suas características multimodais, que potencializam a circulação e a persuasão de conteúdos, especialmente na área da saúde (Zhu; Liu; Zhang, 2023). No caso do autismo, essas dinâmicas tornam-se particularmente relevantes diante da presença de públicos em situação de vulnerabilidade informacional, como mulheres em processo de investigação diagnóstica, configurando a plataforma como um espaço estratégico para a análise da desinformação.

O estudo foi organizado, estruturado e conduzido em quatro etapas: (1) mapeamento de vídeos no *Youtube*; (2) aplicação de critérios de inclusão e exclusão para definição do corpus, com foco em vídeos sobre autismo em mulheres adultas; (3) identificação e categorização dos vídeos quanto ao seu potencial desinformativo, com base em um livro-código previamente definido; e (4) análise de conteúdo do corpus final, seguida da interpretação e discussão dos resultados.

A coleta e o mapeamento dos vídeos foram realizados por meio da ferramenta *Youtube Data Tools* (Rieder, 2015). Para a seleção inicial dos vídeos, utilizou-se o módulo Search Query, configurado com o descritor “autismo + mulher”⁵, duas iterações (com até 50 vídeos por iteração), ranqueamento por relevância e sem delimitação temporal. A escolha desse descritor buscou privilegiar termos de uso mais amplo e socialmente

⁵ Outros descritores possíveis, como “neurodivergência feminina” ou “TEA adulto feminino”, embora relevantes, apresentam caráter mais técnico, especializado ou associado a nichos discursivos específicos, podendo restringir a recuperação de vídeos e limitar a observação da circulação ampliada de conteúdos sobre mulheres autistas na plataforma.

disseminados na plataforma, considerando a lógica de busca ordinária dos usuários no *Youtube*. A opção metodológica partiu do pressuposto de que expressões mais gerais tendem a recuperar conteúdos com maior alcance, circulação e potencial de influência no debate público, especialmente entre usuários leigos, público em investigação diagnóstica e familiares.

A lista de identificadores (IDs) obtida foi, então, processada no módulo Video List, responsável pela geração da planilha contendo os metadados dos vídeos (n = 100). A partir da planilha obtida, realizou-se uma análise e seleção preliminar dos vídeos com base na coluna video title, adotando-se critérios de inclusão e exclusão, sendo removidos os vídeos que não tratavam especificamente de mulheres autistas e adultas, bem como aqueles sobre autismo infantil (n = 26). Após essa etapa, os vídeos remanescentes (n = 74) foram classificados quanto ao seu potencial desinformativo (sim ou não). Por fim, a seleção final dos vídeos foi submetida à revisão por pares, com o objetivo de aumentar a consistência e a confiabilidade do processo de categorização. Ao final dessas etapas, foi definido o corpus analítico da pesquisa (n = 38) e conduzido o processo de categorização a partir de um livro-código desenvolvido para o estudo. Os vídeos selecionados foram analisados por quatro codificadores independentes⁶.

O livro-código foi estruturado em cinco dimensões analíticas: (A) potencial de desinformação, que avalia o grau de alinhamento do conteúdo com o conhecimento científico; (B) situação de comunicação, composta pelas categorias perfil do emissor, enquadramento de autoridade e público-alvo, que permitem compreender quem produz o conteúdo, como constrói legitimidade e para quem se dirige; (C) eixo temático, que identifica o foco central das narrativas; (D) tipologia da representação, que analisa as formas de construção discursiva do autismo feminino, incluindo generalizações, estereótipos e distorções; e (E) discurso e estratégias comunicativas, que examina os recursos narrativos mobilizados, como relatos pessoais, estratégias de autoridade, apelos emocionais e elementos audiovisuais.

O Quadro 1 apresenta o protocolo de análise de conteúdo categorial adotado na pesquisa, estruturado em dimensões analíticas que articulam o potencial de

⁶ O processo de codificação foi realizado por quatro codificadores independentes, contando com a participação da bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/UFF) Larissa de Jesus Pinto, que colaborou na aplicação do livro-código, classificação do corpus e sistematização dos dados sob supervisão das pesquisadoras responsáveis.

desinformação, a situação de comunicação, os eixos temáticos, as tipologias de representação e as estratégias discursivas (Sampaio; Lycarião, 2021; Goneli de Lacerda, 2025).

Quadro 1: categorias do livro-código e suas descrições analíticas

Dimensão	Categoria	Descrição analítica
A – Potencial de desinformação	Grau de desinformação	Avalia o nível de alinhamento do conteúdo com o conhecimento científico consolidado, identificando a presença de informações incorretas, enganosas ou não fundamentadas, bem como o potencial de dano informacional associado.
B – Situação de comunicação	Perfil do emissor	Identifica o tipo de ator que produz o conteúdo, considerando sua posição social, experiência e relação com o tema, o que influencia a construção de legitimidade e de autoridade discursiva.
	Enquadramento de autoridade	Analisa os modos pelos quais o emissor constrói credibilidade, mobilizando diferentes regimes de legitimação, como a experiência pessoal, a formação profissional, o discurso científico, religioso, espiritual ou motivacional.
	Público-alvo	Examina o destinatário explícito ou implícito do conteúdo, identificando para quais grupos sociais as narrativas são direcionadas e como isso orienta a forma e o conteúdo do discurso.
C – Eixo temático	Tema central	Identifica o foco principal do conteúdo, mapeando os principais tópicos associados ao autismo feminino, como diagnóstico tardio, características comportamentais, diferenças de gênero, tratamentos e estigmas sociais.
D – Tipologia da representação	Estratégias de representação	Analisa as formas pelas quais o autismo e o autismo feminino são construídos discursivamente, incluindo simplificações, generalizações, estereótipos, distorções dos critérios diagnósticos e o uso indevido de linguagem científica.
E – Discurso e estratégias comunicativas	Estratégias discursivas	Examina os recursos narrativos e comunicacionais mobilizados na construção do conteúdo, como relatos pessoais, apelos emocionais, estratégias de autoridade, estilos de linguagem e elementos audiovisuais.

Fonte: Autoria própria.

Para fins operacionais de codificação, as categorias apresentaram classificações específicas previamente definidas no livro-código. O grau de desinformação foi categorizado em baixo, médio e alto potencial de desinformação. O perfil do emissor incluiu categorias como mulher autista, profissional de saúde, familiar, influenciador digital, canal institucional e outros. O enquadramento de autoridade contemplou experiência pessoal, formação profissional, discurso científico, religioso/espiritual e motivacional. Já o público-

alvo incluiu mulheres em investigação diagnóstica, familiares, parceiros afetivos e público geral. As demais dimensões foram analisadas a partir da identificação dos temas centrais, estratégias de representação e estratégias discursivas predominantes nos vídeos.

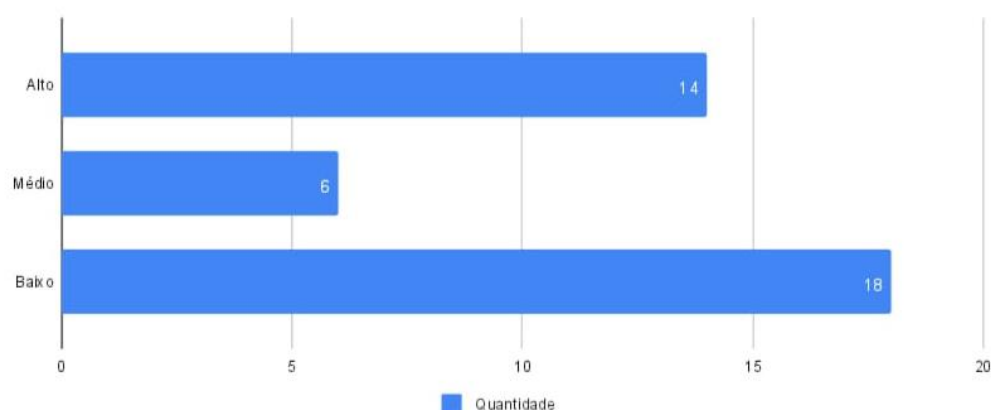
A classificação e categorização dos vídeos quanto ao seu potencial desinformativo considerou não apenas a presença de informações factualmente incorretas, mas também elementos como generalizações, uso indevido de termos científicos, simplificação de critérios diagnósticos, incentivo ao autodiagnóstico e associação indevida entre características cotidianas e o espectro autista. Esses elementos foram analisados à luz de seu potencial de favorecer interpretações equivocadas e de produzir efeitos informacionais relevantes em contextos de busca por diagnóstico e reconhecimento, especialmente entre mulheres em processo de investigação diagnóstica, público recorrente nos conteúdos analisados.

Resultados

Os resultados a seguir apresentam a distribuição e as principais características dos 38 vídeos classificados como desinformativos sobre autismo em mulheres adultas no *Youtube*. A partir das categorias analíticas adotadas, foram identificados padrões recorrentes na forma como esses conteúdos são produzidos, direcionados e apresentados, evidenciando tendências específicas na construção dessas narrativas no ambiente digital.

No que se refere ao potencial desinformativo, observou-se que, dentre os 38 vídeos analisados, 18 foram classificados com baixo potencial, 6 com médio potencial e 14 com alto potencial desinformativo, evidenciando a presença de diferentes níveis de desinformação no corpus.

Imagem 1: Potencial desinformativo dos vídeos, 2026.

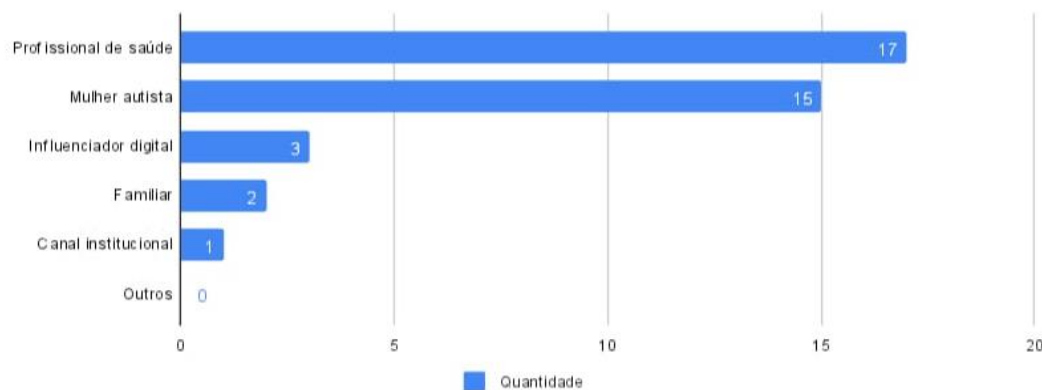


Fonte: Elaboração Própria.

A dimensão Situação de Comunicação foi subdividida em três categorias: (a) perfil do emissor; (b) enquadramento de autoridade; e (c) público-alvo declarado ou implícito.

No que se refere ao perfil do emissor ($n = 38$), verificou-se predominância de vídeos produzidos por mulheres autistas ($n = 16$) e por profissionais de saúde ($n = 15$). Em menor proporção, foram identificados conteúdos produzidos por influenciadores digitais ($n = 4$), familiares ($n = 2$) e canais institucionais ($n = 1$), não havendo ocorrência da categoria “outros”.

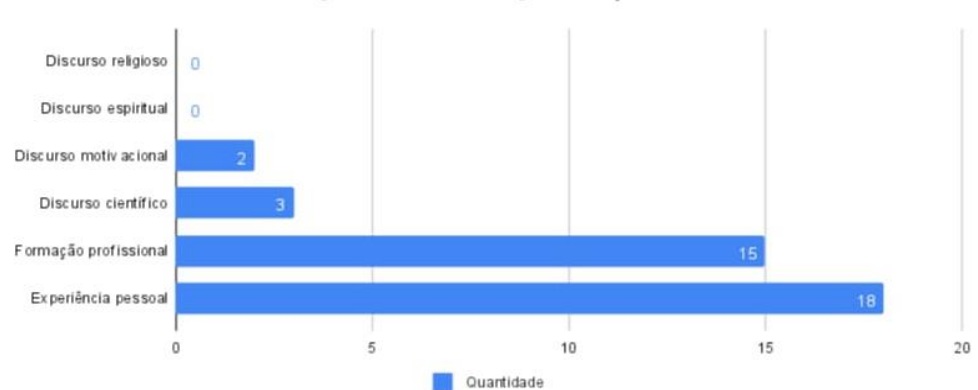
Imagem 2: Situação de Comunicação – Perfil do emissor, 2026.



Fonte: Elaboração Própria.

No enquadramento de autoridade ($n = 38$), observou-se predominância de experiência pessoal ($n = 17$) e formação profissional ($n = 15$). Em menor frequência, apareceram discurso motivacional ($n = 2$) e discurso científico ($n = 3$). Não foram identificados vídeos cujo enquadramento predominante fosse discurso religioso ou discurso espiritual.

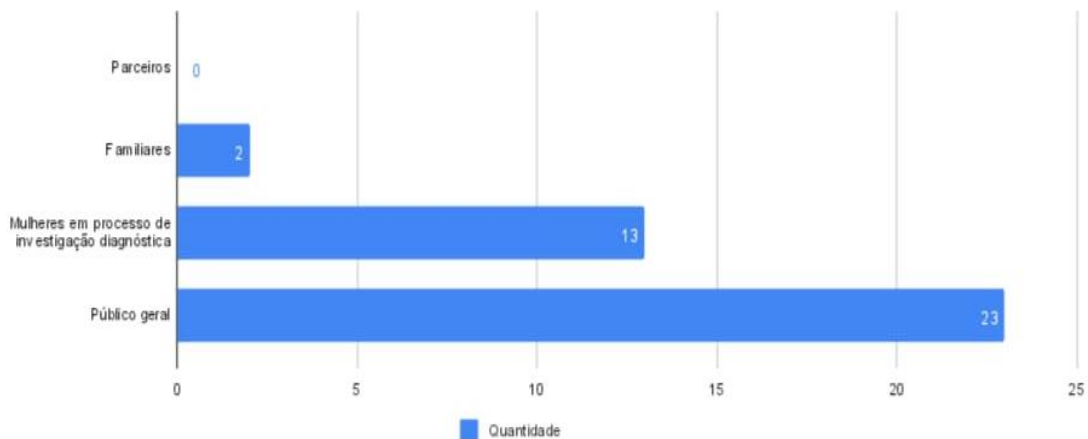
Imagem 3: Situação de comunicação - enquadramento de autoridade, 2026.



Fonte: Elaboração Própria.

No que se refere ao público-alvo declarado ou implícito ($n = 38$), observou-se predominância de conteúdos direcionados ao público geral ($n = 22$), seguidos por vídeos voltados a mulheres em processo de investigação diagnóstica ($n = 14$). Em menor frequência, identificaram-se conteúdos direcionados a familiares ($n = 2$), não havendo ocorrência de vídeos voltados especificamente a parceiros.

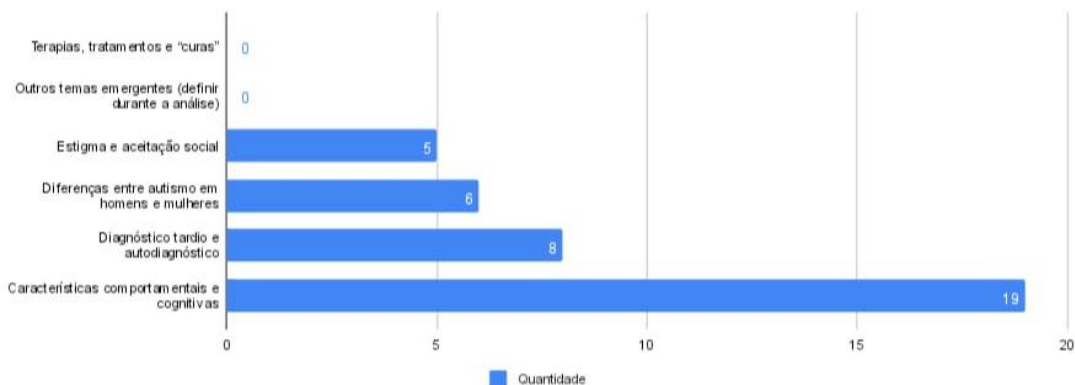
Imagem 4: Situação de comunicação – público-alvo declarado ou implícito, 2026.



Fonte: Elaboração Própria.

Na análise do eixo temático ($n = 38$), identificou-se predominância de conteúdos voltados às características comportamentais e cognitivas ($n = 18$), seguidos por vídeos que abordam diagnóstico tardio e autodiagnóstico ($n = 8$) e diferenças entre autismo em homens e mulheres ($n = 7$). Em menor frequência, foram identificados conteúdos relacionados ao estigma e à aceitação social ($n = 5$). Não foram observados vídeos cujo foco principal fosse terapias, tratamentos e “curas”, nem outros temas emergentes.

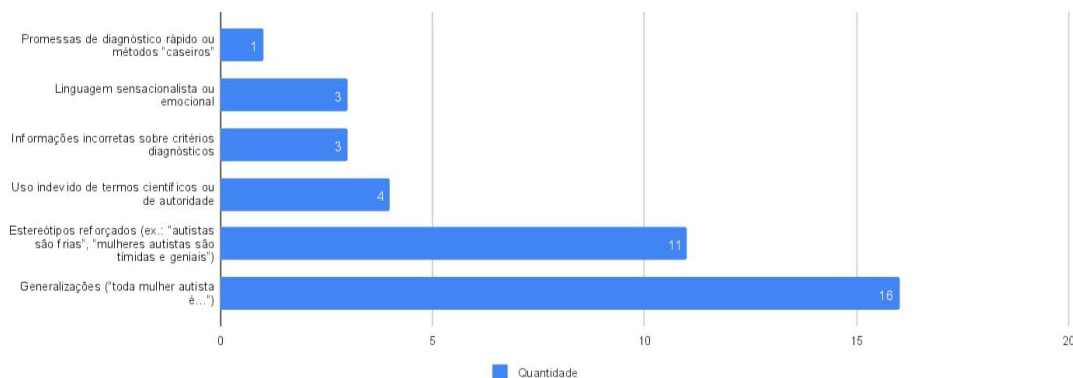
Imagem 5: Eixo temático, 2026.



Fonte: Elaboração Própria.

Quanto à tipologia da representação predominante ($n = 38$), verificou-se maior frequência de generalizações sobre o autismo em mulheres ($n = 14$), seguidas por estereótipos reforçados ($n = 10$) e por uso indevido de termos científicos ou de autoridade ($n = 5$). Também foram identificados vídeos com informações incorretas sobre critérios diagnósticos ($n = 3$) e com linguagem sensacionalista ou emocional ($n = 3$). A categoria menos frequente foi a de promessas de diagnóstico rápido ou métodos “caseiros” ($n = 1$).

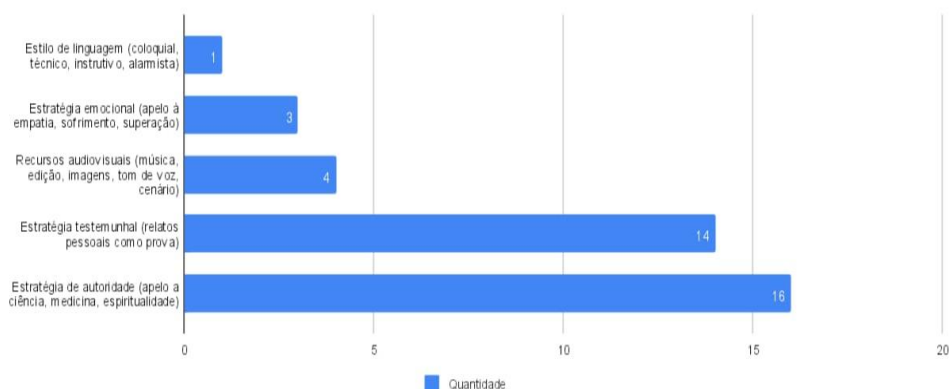
Imagem 6: Tipologia da representação, 2026.



Fonte: Elaboração Própria.

Em relação ao discurso e às estratégias comunicativas ($n = 38$), destacou-se a predominância de estratégias testemunhais ($n = 14$), baseadas em relatos pessoais como forma de validação das informações, e de estratégias de autoridade ($n = 14$), que recorrem a discursos associados à ciência, à medicina ou a outros campos de saber para legitimar os conteúdos apresentados. Em menor frequência, identificaram-se recursos audiovisuais ($n = 6$) como elementos centrais de construção da mensagem, bem como estratégias emocionais ($n = 3$). A categoria menos frequente foi o estilo de linguagem como estratégia predominante ($n = 1$).

Imagem 7: Discurso e estratégias comunicativas, 2026.



Fonte: Elaboração Própria.

Em conjunto, os resultados evidenciam padrões consistentes na produção e circulação de conteúdos desinformativos sobre autismo em mulheres adultas no *Youtube*, particularmente no que se refere à centralidade da experiência pessoal, ao uso de estratégias de autoridade e à predominância de generalizações e estereótipos. Esses elementos apontam para formas específicas de construção e legitimação dessas narrativas, cujas implicações serão analisadas na seção de discussão.

Discussão

A circulação de narrativas sobre o autismo feminino no *Youtube* pode ser compreendida para além de um problema de desinformação em sentido estrito, configurando-se como um fenômeno complexo, atravessado por camadas de invisibilidade diagnóstica, disputas de legitimidade e vulnerabilidades digitais. Ao observar a recorrência de estratégias como simplificação do diagnóstico, generalização de experiências e construção de autoridade baseada em relatos pessoais, o estudo mostra que essas narrativas operam em um regime híbrido de produção de sentido, no qual diferentes formas de conhecimento, científico, experimental e midiático, se articulam de forma desigual.

Nesse contexto, a predominância de relatos pessoais como estratégia de legitimação aponta para uma reconfiguração dos regimes de autoridade no ambiente digital. Em vez de uma centralidade exclusiva do saber biomédico, observa-se a valorização da experiência vivida como critério de verdade, o que está em consonância com a leitura de Milton e Ryan (2023) sobre o autismo como um campo de disputas epistemológicas. No entanto, embora esses relatos desempenhem um papel importante na produção de identificação e pertencimento, sua generalização tende a produzir efeitos de simplificação, nos quais experiências singulares são convertidas em critérios amplos de reconhecimento, contribuindo para a diluição da complexidade diagnóstica do TEA.

Ao observar o corpus analisado fica evidente que a circulação de conteúdos sobre autismo feminino no *Youtube* está fortemente marcada por níveis elevados de potencial desinformativo. Essas narrativas não se limitam à disseminação de informações falsas, operando também como dispositivos de construção identitária. Ou seja, ajudam mulheres a se reconhecerem, mas ao mesmo tempo simplificam e padronizam essa identidade. A desinformação se estrutura principalmente por meio de generalizações sobre o que seria “ser

uma mulher autista”. Para Recuero (2024), a desinformação não se caracteriza apenas pela falsidade, mas por sua capacidade de se apresentar como plausível e socialmente validada.

A análise dos vídeos torna evidente que a desinformação sobre o autismo em mulheres adultas não aparece por acaso, pelo contrário: ela encontra terreno fértil justamente entre aquelas que ainda estão tentando se entender. São mulheres que passaram anos, às vezes a vida inteira, sentindo que havia algo diferente, mas sem conseguir nomear. Quando chegam ao *Youtube*, não estão apenas buscando informações: estão buscando sentido, reconhecimento, alguma forma de se enxergar. E é aí que esses conteúdos ganham força.

Eles oferecem respostas rápidas, encaixes quase imediatos, aquela sensação de “é isso, sou eu”. O problema é que, na maioria das vezes, essa desinformação não vem na forma de algo obviamente errado. Ela vem travestida de verdade possível, em relatos pessoais, listas de características, explicações que parecem fazer sentido, mas que simplificam demais algo que é complexo. Parte significativa da desinformação se manifesta como conteúdo enganoso ou fora de contexto, e não necessariamente como informação completamente falsa (Wardle; Derakhshan, 2017).

Essa dinâmica cria uma situação ambígua. Se por um lado, esses vídeos acolhem, fazem companhia, ajudam a organizar sentimentos que antes estavam soltos, por outro, podem acabar construindo uma compreensão limitada do autismo, baseada mais em identificação do que em critérios consistentes. Como afirma Honneth (2003), a necessidade de reconhecimento constitui dimensão central na construção da identidade e na validação das experiências individuais.

No entanto, é importante ressaltar, que o *Youtube* não se configura apenas como um espaço de circulação de desinformação. A plataforma também se configura como um ambiente de produção de sentido, no qual mulheres autistas constroem formas de identificação, reconhecimento e pertencimento. Essa ambivalência exige uma análise que não reduza o ambiente digital à lógica da desinformação, mas que considere simultaneamente suas dimensões de risco e de possibilidade.

Um ponto positivo é o reconhecimento de mulheres historicamente invisibilizadas, sobretudo, mulheres que, diante de trajetórias marcadas por essa invisibilidade diagnóstica, recorrem às plataformas digitais em busca de reconhecimento e inteligibilidade para experiências que não foram nomeadas.

No entanto, pode existir uma banalização ou ampliação indevida de diagnósticos. Isso sustenta as narrativas desinformativas que emergem em um espaço híbrido, no qual experiências vividas e saber técnico se entrelaçam, aumentando assim, a credibilidade do conteúdo, o que dificulta a distinção entre informação e desinformação. A ciência aparece de forma indireta, frequentemente mediada por experiências ou simplificada, o que contribui para a circulação de interpretações imprecisas. Para Collins (2000), a experiência vivida opera como forma legítima de produção de conhecimento, especialmente em contextos de marginalização.

Essas narrativas não falam apenas com mulheres que já têm um diagnóstico, mas com um público muito mais amplo, mulheres que estão em dúvida, se reconhecendo aos poucos ou simplesmente tentando entender melhor o tema. Isso faz com que os conteúdos tendem a ser mais generalizantes, construídos de forma a permitir que o maior número possível de pessoas se identifique. Nesse contexto, a desinformação não aparece de forma clara ou isolada. Ela vai se misturando com informações corretas, surgindo de maneira sutil, quase imperceptível, o que a torna ainda mais convincente. Não é algo que salta aos olhos como “errado”, mas algo que parece fazer sentido. De fato, conteúdos emocionalmente ressonantes tendem a alcançar maior visibilidade em ambientes digitais (Tufekci, 2015).

Como já observado nos resultados, o perfil do emissor é majoritariamente feminino, produzido por mulheres autistas e por profissionais da saúde. Isso indica que há uma convivência, e até uma disputa, entre dois tipos de autoridade: a experiência vivida e o conhecimento técnico. Por um lado, a forte presença de mulheres autistas sugere que essas plataformas estão sendo usadas como espaços de fala, troca e reconhecimento, onde a experiência pessoal ganha visibilidade e legitimidade. Narrativas pessoais de saúde funcionam como mecanismos de construção de sentido e compartilhamento de experiências (Frank, 1995). Por outro, a participação significativa de profissionais de saúde na produção e compartilhamento de vídeos sobre o TEA mostra que ainda há uma tentativa de ancorar esses conteúdos em saberes especializados.

A análise das instituições epistêmicas, como a ciência, aponta para um campo atravessado por disputas de poder e regimes de verdade, conforme discutido por Michel Foucault (2002). Nessa perspectiva, o conhecimento científico não se estabelece de forma neutra, mas se constitui em meio a relações de força que envolvem diferentes atores e formas de legitimação. No

caso das narrativas sobre o autismo no *Youtube*, essa dinâmica se expressa na forma como diferentes sujeitos reivindicam autoridade para falar sobre o tema. Embora relatos pessoais de indivíduos autistas ocupem lugar relevante na circulação desses conteúdos, observa-se que a autoridade epistêmica associada aos profissionais de saúde desempenha um papel particularmente decisivo na legitimação das mensagens — inclusive quando se trata de conteúdos desinformativos.

Nesses casos, a formação técnica, o uso de linguagem especializada e a encenação de um ambiente clínico funcionam como marcadores de credibilidade, conferindo maior poder de convencimento às narrativas. A autoridade não opera apenas como atributo individual, mas como recurso discursivo mobilizado para sustentar determinadas interpretações sobre o TEA, muitas vezes sem respaldo científico consistente. Esse tipo de construção já foi observado em estudos sobre desinformação em saúde no *Youtube*, nos quais a autoridade epistêmica se apresenta como elemento central na validação dos conteúdos (Goneli de Lacerda, 2025).

Cabe destacar que os resultados obtidos não devem ser interpretados a partir de uma perspectiva determinista, na qual mulheres autistas aparecem apenas como sujeitas passivas diante das dinâmicas de desinformação. Ao contrário, conforme discutido ao longo do artigo, essas usuárias também mobilizam as plataformas como espaços de busca ativa por reconhecimento, pertencimento e construção de sentido. Além disso, é importante considerar que a prevalência de conteúdos com potencial desinformativo observada neste estudo está diretamente relacionada ao recorte metodológico adotado, que priorizou a identificação e análise desse tipo específico de conteúdo no corpus.

É importante ressaltar que a pesquisa mostra que o *Youtube* se transformou em um espaço onde diferentes formas de entender o autismo feminino convivem e se misturam. De um lado, surgem as falas de quem vive e sente essa experiência na pele; de outro, os conhecimentos técnicos dos profissionais. Essa união abre caminhos relevantes de identificação e pertencimento, em especial para as mulheres que estão buscando se conhecerem. Ao mesmo tempo, esse ambiente facilita a circulação de explicações mais simples, e nem sempre precisas, sobre o tema. O que pode resultar em grande número de autodiagnósticos.

Assim, o problema não está só em conteúdos isolados, mas em um contexto maior, onde diferentes vozes disputam o que é considerado válido como conhecimento. É nesse cenário que a desinformação se espalha de forma sutil,

muitas vezes parecendo legítima, o que torna ainda mais importante olhar para essas dinâmicas considerando não só a informação em si, mas também as questões de gênero, comunicação e reconhecimento envolvidas.

Considerações finais

A presente pesquisa evidencia que o *Youtube* tem se configurado, para muitas mulheres, como uma espécie de “consultório de emergência” diante das lacunas do sistema de saúde tradicional no reconhecimento e acolhimento do autismo feminino. No entanto, esse acolhimento digital se estabelece sob condições problemáticas: no lugar de informações seguras e baseadas em evidências, observa-se um ambiente propício à circulação de conteúdos imprecisos e potencialmente desinformativos.

Os resultados indicam que a lógica algorítmica privilegia conteúdos com maior potencial de engajamento, ainda que o presente estudo não tenha se dedicado à análise direta de métricas de circulação. Nesse contexto, relatos pessoais carregados de apelo emocional tendem a ganhar visibilidade, ainda que frequentemente apresentem simplificações ou generalizações indevidas sobre o TEA. Quando mulheres adultas recorrem a esses conteúdos na tentativa de compreender seu próprio funcionamento, tornam-se suscetíveis a processos de vulnerabilização informacional.

Essa vulnerabilidade se manifesta de forma silenciosa: ao mesmo tempo em que oferece uma sensação imediata de identificação e pertencimento, pode afastar essas mulheres de processos diagnósticos clínicos adequados e de suporte profissional qualificado. Assim, o ambiente digital contribui para uma espécie de privatização e simplificação do diagnóstico, deslocando uma questão de saúde pública para a lógica das métricas de visibilidade e da produção de conteúdo.

Um aspecto particularmente relevante dos resultados diz respeito à presença significativa de profissionais de saúde entre os emissores de conteúdos com potencial desinformativo. Esse dado tensiona a compreensão da desinformação como fenômeno restrito a atores leigos ou externos ao campo científico, indicando que o próprio saber técnico, ao circular nas plataformas digitais, pode ser reconfigurado por lógicas de simplificação, personalização e apelo ao engajamento. Nesse contexto, observa-se uma forma híbrida de autoridade, na qual credenciais profissionais se articulam a estratégias

narrativas típicas do ambiente digital, o que pode contribuir tanto para ampliar o alcance da informação quanto para diluir sua precisão.

Diante desse cenário, o enfrentamento da desinformação não pode se restringir à checagem de fatos. Torna-se fundamental investir no desenvolvimento de literacia crítica, de modo a capacitar usuárias a reconhecerem os limites dos relatos individuais, frente à complexidade dos processos diagnósticos. Paralelamente, é necessário problematizar a responsabilidade das plataformas digitais, especialmente no que diz respeito à forma como seus algoritmos operam e como as plataformas se estruturam a partir da busca por respostas em saúde mental.

Conclui-se, portanto, que enquanto o autismo feminino permanecer sub-representado como prioridade nas políticas de saúde pública e tratado predominantemente como um nicho de conteúdo nas plataformas digitais, a desinformação continuará a se alimentar da vulnerabilidade dessas mulheres, reforçando dinâmicas que dificultam o acesso a diagnósticos e cuidados adequados.

Bibliografia

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 5. ed. Washington, DC: American Psychiatric Publishing, 2013.

ANDRADE, Gabriel. Medical conspiracy theories: cognitive science and implications for ethics. **Medicine, Health Care and Philosophy**, v. 23, p. 505–518, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11019-020-09951-6>.

BOTELHO-FRANCISCO, Rodrigo Eduardo. Transformação, plataformas e vulnerabilidades digitais: proposição de uma abordagem para estudos de tecnologia. **Em Questão**, v. 31, e-146123, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1808-5245.31.146123>.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. 2. ed. New York: Routledge, 2000.

CUTTER, Susan L. The vulnerability of science and the science of vulnerability. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 93, n. 1, p. 1–12, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-8306.93101>

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

FRANK, Arthur W. **The wounded storyteller: body, illness, and ethics**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONELI DE LACERDA, Aline. **A desinformação científica e em saúde sobre câncer no Youtube em tempos de crise epistêmica**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2025.

GRIEGER, Jenifer Daiane; OLIVEIRA, Lidia; BOTELHO-FRANCISCO, Rodrigo Eduardo. Vulnerabilidades digitais e a consciência corporal no *Instagram*: proposição de um modelo analítico. **Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação (RISTI)**, n. E66, p. 396–408, 2024.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

KEENAN, Mickey; DILLENBURGER, Karola. How “fake news” affects autism policy. **Societies**, v. 8, n. 2, art. 29, 2018. DOI: <https://doi.org/10.3390/soc8020029>.

MILTON, Damian; RYAN, Sara (ed.). **The Routledge international handbook of critical autism studies**. London: Routledge, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781003056577>.

NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard; ROBERTSON, Craig T.; EDDY, Kirsten; NIELSEN, Rasmus K. **Reuters Institute Digital News Report 2022**. Oxford: Reuters Institute; Universidade de Oxford, 2022.

OLIVEIRA, Thaiane. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 34–50, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.03>.

RECUERO, Raquel. **A rede da desinformação: sistemas, estruturas e dinâmicas nas plataformas de mídias sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2024.

RIEDER, Bernhard. **Youtube Data Tools**. Amsterdam: Digital Methods Initiative, 2015.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.

SILVA, Ergon Cugler M.; GARCIA, Arthur Ataíde F.; ALMEIDA, Guilherme; RICARD, Julie. Disinformation about autism in Latin America and the Caribbean: mapping 150 false causes and 150 false cures of ASD in conspiracy theory communities on Telegram. **arXiv**, 2025. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2504.01991>.

SILVA, Francisco Gabriel A.; MAIA, Rousiley Celi M. Quando a representação política é também uma luta por reconhecimento: aproximações teóricas a partir do contexto do autismo no Brasil. In: **ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 34., 2025, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2025.

TUFEKCI, Zeynep. Algorithmic harms beyond Facebook and Google: emergent challenges of computational agency. **Colorado Technology Law Journal**, v. 13, p. 203–218, 2015.

VOLKMAR, Fred R.; ROGERS, Sally J.; PAUL, Rhea; PELPHREY, Kevin A. (ed.). **Handbook of autism and pervasive developmental disorders: assessment, interventions, and policy**. 4. ed. Hoboken: John Wiley & Sons, 2014. Disponível em: <https://download.e-bookshelf.de/download/0002/2408/66/L-G-0002240866-0003022294.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2026.

WARDLE, Claire; DERA KHSHAN, Hossein. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

ZHU, Zicheng; LIU, Shiyu; ZHANG, Renwen. Examining the persuasive effects of health communication in short videos: systematic review. **Journal of Medical Internet Research**, v. 25, e48508, 2023. DOI: 10.2196/48508. Disponível em: <https://www.jmir.org/2023/1/e48508>. Acesso em: 6 maio 2026.

Recebido em: 31/03/2026

Aceito em: 10/07/2026